

EDIÇÃO: FLÁVIA YURI
e-mail: vidautil@edglobo.com.br

O QUE APRENDI COM Meu Pai

Gente famosa conta as lições de seus pais

Por Luis Colomblin*

Tudo pai ensina e todo filho aprende. Embora raramente um pai consiga apontar qual foi o momento em que mais influenciou o filho. Muita gente acha que sermões, proibições e castigos são eficazes na formação de caráter ou personalidade, quando podem diminuir e magoar. O que fica de bom para sempre, aquilo que faz uma criança querer se mostrar valerosa aos olhos do pai e do mundo são exemplos, gestos, atitudes, atenções, frases na hora certa. Muitas vezes, são detalhes que provocam uma situação, como a bolinha de papel encontrada numa festa pelo papel médico Ben-Hur Ferraz Neto ou um comentário despretensioso que o pai da atriz Carolina Ferraz fez no telhado, num começo de noite em Goiânia. A seguir, algumas lições de vida que vieram de nenhuma fórmula pretensiosa, e sim da simplicidade.

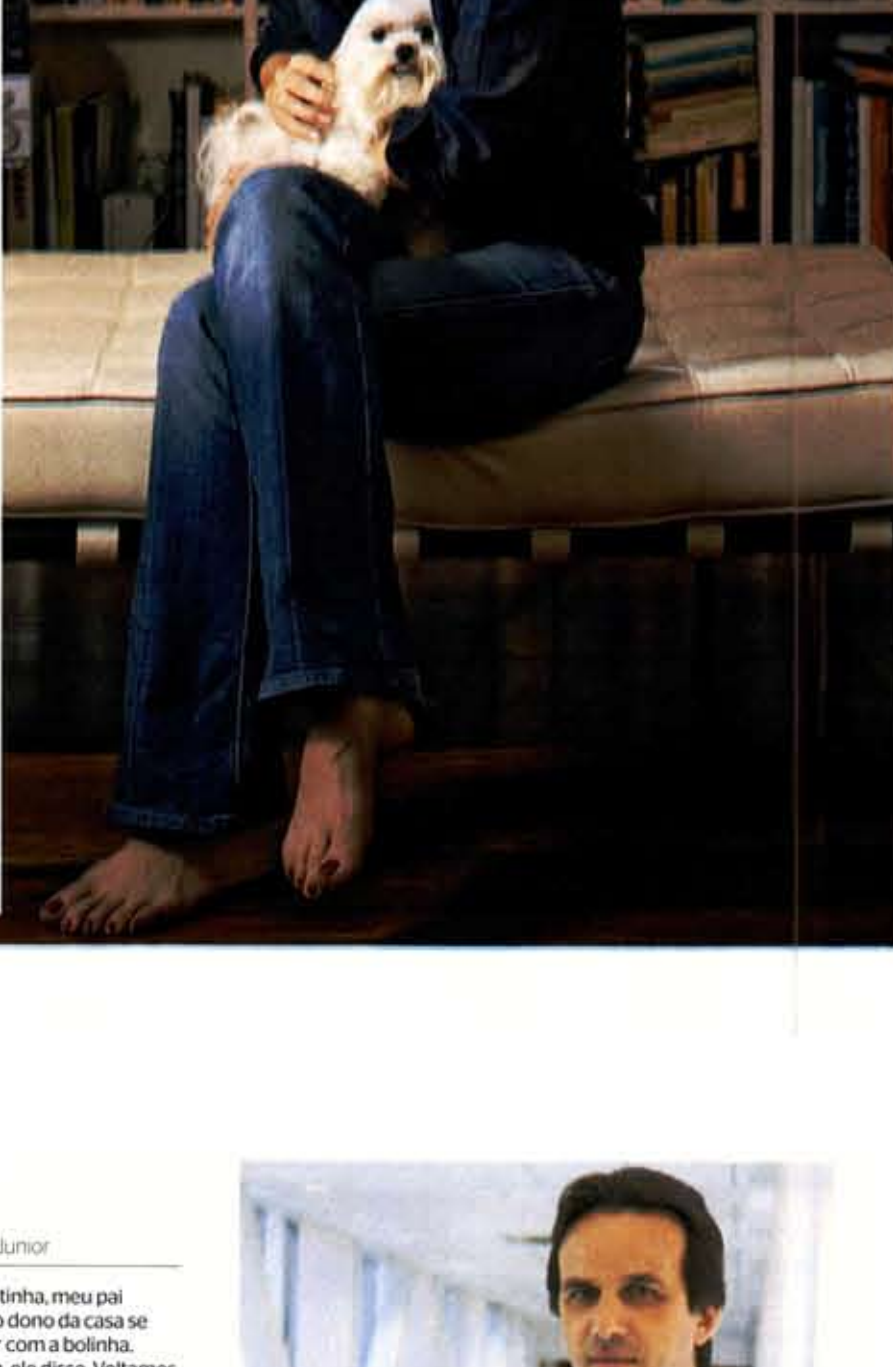
* Luis Colomblin é jornalista. Publicou 54 depoimentos no livro *Aprendi com meu pai. Com o filho Tales escreveu o livro infantil Abacacó* — Ninguém me entende



CAROLINA FERRAZ

Atriz | 43 anos
Filha do advogado Ladislau Noel Ferraz

Com 11 anos, meu lugar preferido no sobrado em que morávamos era a caixa d'água. Pegava o radinho de pilha, um gibi ou livro, ia para a varanda do segundo andar, pulava para o telhado e escava até quase o topo, onde ficava um patamar com a caixa d'água. Passava horas ali, lendo, ouvindo música, fazendo nada, curtindo as tardes de Goiânia. Era o que mais gostava de fazer. Um dia, perto do anoitecer, houve um apagão, e acabou a luz de toda a cidade. Aconcheguei em meu observatório, ouvi minha mãe pedir a meu pai: "Ladislau, já vai escurecer, e a Carolina está de novo lá em cima. Pode ir resgatar a menina da caixa d'água?". Meu pai escalou o telhado, sentou-se a meu lado e, em vez de me pedir para descer, engatou uma conversa. Ficamos quase duas horas ali. Dois companheiros desgrudaram a companhia um do outro, papando, vendo o pôr do sol na planície, a variação da luminosidade nas ondulações da paisagem, a cidade ficando às escuras. De repente, já de noite, a energia voltou, aos poucos. As luzes das casas foram acendendo, começando pelos bairros a nossa esquerda, seguindo para a direita, passando por nós, até chegar à outra ponta da cidade. Foi uma cena bonita. Quando Goiânia ficou toda iluminada, meu pai fez um comentário: "Que engraçado. É o mesmo lugar, a mesma cidade, mas parecia uma coisa no escuro e, agora, com a luz, parece outra coisa, muito diferente. Tudo na vida é mesmo uma questão de ponto de vista". Na hora, não entendi o que ele queria dizer, mas também não perguntei. Só gravei na memória. Anos depois, já adulta, me vi diante de uma daquelas situações em que os dois lados acham que estão certos e, assim, ambos acusam o outro de estar errado. Na mesma hora, me vi sentada na caixa d'água com meu pai. Lembrei a frase, dei risada. A ficha caiu, iluminada como uma cidade depois do apagão.



BEN-HUR FERRAZ NETO

Diretor do programa de transplantes do hospital Albert Einstein | 50 anos
Filho do advogado José Ben-Hur de Escobar Ferraz Junior

Na festa de aniversário de uma amiga, vi uma bola de papel no chão. Comecei a chutá-la, marcando golinhos nas pernas das cadeiras. Quando cansei, guardei a bolinha no bolso, feliz por levar para casa o objeto que me dera tantas glórias naquele dia. Meu pai viu e não falou nada até chegarmos em casa. Ainda na sala, perguntou, com voz calma, como se fosse só curiosidade: "Filho, você pegou algo na festa?". Eu tinha 5 anos, mas já aprendia a falar a verdade, pois me dera mal em todas as vezes em que mentira. "Peguei", respondi, tirando a bolinha do bolso. "Tem certeza de que podia pegar? Você pediu?". "Não, pai". "Então, vamos voltar", ele disse, com tom firme, mas sem drama, como se fosse natural rodar quarteirões para determinar a legítima propriedade de um chumaço de papel.

De volta à festa, meu pai perguntou ao dono da casa se eu podia ficar com a bolinha. Claro que sim, ele disse. Voltamos para casa, pai e filho unidos pela sensação de ter feito a coisa certa. Foi dessa maneira que meu pai, o advogado José Ben-Hur de Escobar Ferraz Junior, me apresentou a uma de suas premissas sagradas: "Todas as conquistas têm de ser feitas de maneira digna e sólida". E as condições para isso estavam ligadas a outro princípio: "Acredite nos seus valores, mantenha sua posição". Meu trabalho está associado à fila de transplantes de fígado. É um programa de computador que a controla, seguindo critérios que estabelecem prioridades. Há pacientes que me rogam para que eu encontre um modo de furar a fila. São súplicas de cortar o coração. A bolinha de papel, no entanto, ainda fala mais alto. Não existe jolinho, só a coisa certa.



JOSÉ CHRISTIANO GOMES DA SILVA

Empresário | 48 anos
Filho do vice-presidente José Alencar

Meu pai me deu muitos bons exemplos. Um dos mais valiosos foi na fase de seu tratamento de câncer. Papai descobriu a doença em Belo Horizonte, Minas Gerais. Tinha um tumor no rim direito. Sempre objetivo, ele me ligou. "Josué, preciso que você agende uma consulta com um especialista porque estou com um tumor no rim direito. Pode ser maligno, e a recomendação que recebi foi operar". Marquei a consulta e fomos ao médico. O tratamento recomendado pelo médico era mesmo extirpar o rim. Papai respondeu que a cirurgia poderia ser marcada imediatamente. Ele era assim, nunca gostou de solução parcial. Nunca foi de procrastinar nada. Papai convivera com essa doença, com idas e vindas, por 14 anos, até sua morte. Durante todo esse tempo, nunca vi meu pai perder

a calma, se revoltar. E, ao mesmo tempo, ele nunca se acomodou, nunca deixou de lutar. Ele mostrou na prática como aceitar os desgnios de Deus sem revolta e, ao mesmo tempo, enfrentar com coragem. Muitas vezes, recomendava que tratamentos mais fortes - e por vezes sofridos - fossem adotados porque eram os que tinham a maior perspectiva de cura. Ele inspirou muita gente com aquela atitude positiva. No hospital em que fazia a maior parte do tratamento (Hospital Sírio Libanês, em São Paulo), às vezes, as pessoas reconheciam alguém da nossa família no corredor e vinham nos pedir para transmitir ao papai um obrigado, porque ele tinha sido ou estava sendo fonte de força para alguém. Para mim, ele é até hoje.

Em depoimento a Thais Lazzari



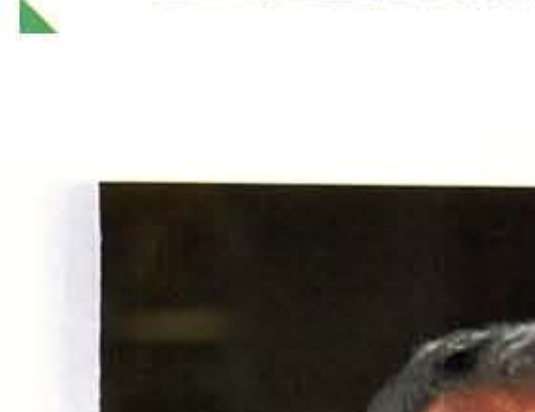
Foto: Marcos Micheli/Folhapress. Letícia Mercat/Folhapress, Maria do Carmo/Folhapress e Ana Janssen/12

NELSONHIQ PIQUET

Automobilista | 27 anos
Filho do corredor Nelson Piquet

Meus pais se separaram muito cedo. Até os 8 anos morei na França com minha mãe. Minha criação começou um pouco mais tarde com meu pai, quando fui morar com ele em Brasília. Demorei um pouco para eu ter intimidade. Nem português eu falava. Só inglês e francês. Meu pai trabalhava muito. O tempo que passávamos juntos era na pista. Logo comecei a treinar kart. Ele sempre me incentivou, mas fazia questão que não desistisse da escola. Aos 17 anos, quando percebi que eu seria piloto, me deixou treinar na Inglaterra. A corrida nos aproximou muito. Compartilhávamos os desafios, os problemas. Ele sabia pelo que eu estava passando quando perdia ou tinha um problema com o carro. Ele me dava o apoio que nunca recebi. Meu avô era médico, foi ministro da Saúde. Um cara estudioso. Um tio trabalhava num banco. O outro era professor na universidade. Meu avô esperava que os filhos seguissem um desses caminhos. Meu pai era diferente. Adorava motor, esportes. Começou a trabalhar com mecânica e passou a correr. Meu avô não podia saber. Ele achava perigoso. Para ele, esporte não dava futuro. Então meu pai corria com outro nome, escrevia Piquet com K. Meu avô morreu antes de ele ficar famoso na Fórmula 1. Meu pai sempre tomou cuidado em respeitar as escolhas dos filhos e apoiá-los. Ele ficou a meu lado quando decidi ser corredor. E deu apoio a meus irmãos. Meu pai por um tempo, mas decidiu que queria fazer outra coisa. Ele vai completar 60 anos agora no dia 17, e farei uma homenagem. Usarei numa corrida um capacete igual ao que ele usava quando começou a correr escondido, para todo mundo ver.

Em depoimento a Margarida Telles



ÁBILIO DINIZ

Presidente do Conselho de Administração do Pão de Açúcar | 75 anos
Filho do empresário Valentim dos Santos Diniz

Meu pai, Valentim dos Santos Diniz, foi meu ídolo. Muito do que fazia era para ele, para contar ou mostrar, para que tivesse orgulho de mim. Na doceria Pão de Açúcar, em 1948, com 12 anos, enrolava os brigadeiros com capricho, para que ficassem como meu pai gostava. Com 13, pedalava rápido na bicicleta para que as encomendas chegassem logo à casa dos clientes. Pois na volta ele elogiaria meu esforço. Com 22 anos, em 1959, desisti de ser professor para ajudá-lo a criar o primeiro supermercado Pão de Açúcar. Fiz isso por emergir ali um negócio promissor, e também para agradá-lo. Homem simples, que não completou o ginásio, tinha uma sabedoria natural. Cordial, um bom amigo de simpatia. Não dava má notícia, só queria saber de coisas construtivas. Tinha horror ao desleixo, ao erro. "Nunca deixe nada ao acaso", era uma frase que escutei desde que me entendi por gente. Quando tinha uns 12 anos, meu pai me ensinou a dirigir. Era um tempo de ruas sem carros, e o motorista do furção da doceria me deixava guiar entre uma casa e outra. Quando passei a dirigir sozinho, com 15 anos, meu pai disse: "Ábilio, o acaso também existe no trânsito. Prefiro que você atravesse no farol vermelho com cuidado do que passe no verde sem olhar". Não entendi. Se eu não tivesse, era meu direito passar. Poderia e deveria ir. "Seja o condutor de sua vida, não o passageiro". Não deve que as circunstâncias transformem sua existência no que você não quer que ela seja.



WASHINGTON OLIVETTO

Publicitário | 60 anos
Filho do comerciante Wilson Olivetto

Para não ter de fazer o que a gente não gosta, é preciso escolher bem o que a gente gosta. Essas 20 palavras representam um dos maiores legados de meu pai, Wilson Olivetto, grande vendedor de espírito inquieto e alma engenhosa que me mostrou os dois lados da moeda. Nos fins de semana, meu pai fazia questão que eu compartilhasse sua paixão, a mecânica, ajudando a desmontar e montar motores na garagem de casa. Era ótimo passar um tempo só com ele, embora aquilo tivesse gerado o efeito colateral de provar que grava não era minha praia. Se os domingos me mostraram o que jamais seria, os dias da semana me aproximaram do que me tornaria. Representante comercial dos pincéis Tigre, meu pai às vezes me levava com ele em visitas aos clientes. Ali, compreendi a importância de saber vender. Também

aprendi que toda venda nasce do bom relacionamento com o cliente. Uma relação de confiança, o gerente disse: "Wilson, entra aí, vê o que falta e manda para nós". Assim mesmo, sem conferir. Seguro de ter feito um bom negócio. "Um dia vou ser assim", eu pensava. Mas vender o quê? Nem desconfiava. Só sabia que gostava de escrever. Um dia, aos 17 anos, descobri que a profissão que unia escrita com venda se chamava publicidade. Aos 18, consegui um estágio na área. Revelou-se ali o que nasci para fazer. As coisas deslancham quando se faz bem-feito o que se gosta. Um ano e meio depois de entrar na agência, recebia mais que meu pai, que estava longe de ganhar mal. Quando lhe contei meu salário, ele achou que era fantasia. Quando vi que era verdade, ficou orgulhoso como se o filho tivesse montado sozinho um motor de caminhão.



MARA GABRILLI

Deputada | 44 anos
Filha do empresário Luiz Alberto Angelo Gabrielli Filho

Nem eu nem minha mãe temos registro de nenhuma frase de efeito de meu pai. Esse não era seu estilo. Transparente e correto, capaz de se emocionar só porque o dia estava bonito, o negócio de Luiz Alberto Angelo Gabrielli Filho eram atitudes e exemplos. Em vez de chaves como "o trabalho enobrece o homem", chegava cedinho na Viação São José, empresa de ônibus de Santo André que funde e dirige por décadas, e voltava para casa à noite. Não alardeava a "importância das pessoas", mas tratava funcionários com espírito fraterno. Mesmo na fase rebelde de minha adolescência (que o deixou meio louco), meu pai, apesar do ciúme que sentia, tinha dificuldade de me negar pedidos, ainda mais quando eu queria muito. Aos 22 anos, um namorado me convidou

para viajar à Ilhabela. Aceitei, morrendo de medo da reação de meu pai. Como mentir era fora de questão, fiquei no meio-termo: pedi para minha mãe avisá-lo e viajei com a promessa de ligar em breve. No sábado de manhã, preparada no banheiro, me preparei para enfrentar a fera. Ao atender, ele disse, bem-humorado: "É então, olha só, uma bela em Ilhabela...". Isso me desmontou. O medo, muitas vezes, só existe na cabeça das pessoas. Senti-me tola por ter temido a pessoa que virava motorista de ônibus aos domingos para rodar pela cidade comigo e com meu irmão, o cômico com quem tomei meu primeiro pileque. Como falava pouco, ele nunca comentou essas coisas. Muitas vezes sorria com ar maroto, orgulhoso de suas tralaguagens com os filhos.



DUDU BRAGA

Publicitário | 44 anos
Filho do cantor Roberto Carlos

Nasci com uma doença congênita nos olhos, glaucoma. Com 15 dias de vida, meu pai vouu comigo para Amsterdã, na Holanda, para eu ser tratado. Era o único lugar que ele eu precisava. Passei por sete operações. Exergeriquei até os 22 anos, quando tive um descolamento da retina e perdi a visão. Normalmente, quando um filho tem um problema de saúde, é comum os pais superprotegerem. Meu pai nunca deixou de me educar. Ele era carinhoso, cuidadoso, mas me disse tantos "nãos" quantos "simns". Hoje sou pai e sei como é difícil dizer "não" para os filhos. Como todo artista, meu pai não é dono do próprio tempo. Em minha infância, minha mãe organizava nossa agenda de acordo com a de meu pai para que ficassemos juntos nas temporadas de show. Quando tive o descolamento da retina, ele grudou em mim por dois anos. Nem sei como conseguí. Ele não é só um exemplo como pai, mas também como pessoa. É simples com todos que conhece e extremamente coerente com as coisas em que acredita. A forma como toca a vida dele é um exemplo para mim.

Em depoimento a Flávia Yuri



Foto: Maria Caetano/Folhapress, Roberto Fernandez/12, Marcelo Pimenta/12, Gláucia e Ana Janssen/12